CONTOS DE FADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANDRÉA CRISTINA PACHECO GUEDES

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar o papel dos contos de fada no desenvolvimento infantil, analisando como essas narrativas influenciam a imaginação, o emocional e a construção da subjetividade das crianças na Educação Infantil. Através de referenciais teóricos como Bruno Bettelheim, Vigotski , Zilberman e Piaget, discutiremos o impacto simbólico e pedagógico dos contos de fadas, evidenciando sua importância na formação de valores, no enfrentamento de conflitos internos, construção da linguagem simbólica, pedagógicos e culturais dos contos, ressaltando sua função na formação emocional e moral da criança. Além disso, são apresentadas propostas pedagógicas que potencializam o uso dos contos em sala de aula, fortalecendo o vínculo entre o imaginário infantil e a aprendizagem significativa. Os contos são analisados também como ferramentas lúdicas que auxiliam o professor a mediar experiências significativas no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: contos de fada. desenvolvimento infantil. Imaginação. educação infantil. simbolismo.

1. INTRODUÇÃO

Os contos de fada fazem parte do imaginário coletivo da humanidade há séculos. Essas histórias permeiam o universo infantil com elementos mágicos, personagens fantásticos e narrativas simbólicas que dialogam diretamente com o mundo interior da criança. Na Educação Infantil, os contos de fada constituem não apenas um recurso pedagógico valioso, mas também uma ponte para o desenvolvimento psíquico, afetivo e social da criança. O interesse por essas narrativas não é casual: há nelas uma sabedoria ancestral que permite à criança identificar-se com os personagens, enfrentar medos, elaborar conflitos e experimentar transformações simbólicas. Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas ajudam a criança a compreender e aceitar as dificuldades da vida, oferecendo-lhe modelos para lidar com elas.
Este artigo se propõe a refletir, sob uma perspectiva teórico-prática, sobre a importância dos contos de fada na Educação Infantil. Discutiremos como esses contos contribuem para o desenvolvimento cognitivo, emocional e simbólico das crianças, a partir de autores como Bruno Bettelheim, Piaget e Vigotski. Além disso, apresentaremos propostas pedagógicas que possibilitam integrar a leitura de contos ao cotidiano escolar de forma significativa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. ORIGEM E FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADA

Os contos de fadas têm origem na tradição oral, em sua essência, são formas arcaicas de ensinar e transmitir sabedoria por meio da oralidade sendo transmitidos de geração em geração antes de serem registrados por autores como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Essa permanência se dá porque os contos tocam medos e desejos que são universais e atemporais: o medo do abandono, o anseio por proteção, o desejo de transformação, o sonho de ser amado, entre outros. Essas histórias tinham múltiplas funções: transmitir valores, advertências sociais, fantasias coletivas e modos de sobrevivência simbólica. Apesar de terem sofrido modificações ao longo do tempo, os contos preservaram seu caráter simbólico, como destaca Zilberman (2003), ao afirmar que "os contos de fadas traduzem os conflitos universais do ser humano em linguagem acessível à infância". Ao contar uma história, o educador se insere na ancestralidade humana do contar, resgatando práticas culturais milenares e criando um elo entre passado e presente, entre memória e imaginação. Como destaca Benjamin (1994), o contador de histórias é aquele que compartilha experiências e não apenas informações — o que dá ao conto uma função existencial.

2.2. A VISÃO DE BETTELHEIM: A IMPORTÂNCIA DO CONTO NO EMOCIONAL DA CRIANÇA

Bruno Bettelheim, psicanalista e educador, foi um dos principais teóricos a defender a importância dos contos de fadas no desenvolvimento emocional infantil. Em sua obra A Psicanálise dos Contos de Fada (1980), ele argumenta que essas histórias permitem à criança enfrentar, de forma simbólica, seus medos inconscientes e dilemas existenciais. Para ele, os contos fornecem estrutura simbólica para que a criança processe questões como rivalidade entre irmãos, medo do abandono, perda dos pais, inveja, raiva, desejo e superação.

Segundo Bettelheim (1980, p. 14): "O conto de fadas é terapêutico porque suas experiências se desenvolvem em níveis inconscientes profundos."

2.3. PIAGET E O PENSAMENTO MÁGICO

Piaget (1975) considera que, na fase pré-operatória (dos 2 aos 7 anos), a criança desenvolve o pensamento simbólico e egocêntrico, caracterizado pelo animismo e pelo pensamento mágico. Os contos de fadas, nesse contexto, respondem à forma como a criança compreende o mundo: com lógica própria, cheia de metáforas e símbolos. As histórias com objetos falantes, fadas, bruxas e animais mágicos conversam diretamente com a estrutura cognitiva da criança pequena.

2.4. VIGOTSKI: IMAGINAÇÃO, LINGUAGEM E DESENVOLVIMENTO

Vigotski (2009) argumenta que o desenvolvimento da imaginação é um dos pilares da atividade simbólica da criança, sendo fundamental para sua aprendizagem. A imaginação, segundo ele, não é passiva, mas ativa e criadora. No contato com os contos de fada, a criança ativa sua capacidade de fantasiar e recriar, ao mesmo tempo em que desenvolve linguagem, pensamento e cultura. O conto, portanto, é um mediador do desenvolvimento infantil.

3. 3. O PAPEL DOS CONTOS DE FADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1. CONTOS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

Na Educação Infantil, os contos de fada representam uma das formas mais ricas de introdução ao universo da linguagem simbólica e à formação de repertório cultural. Ao escutar ou ler um conto, a criança se insere em um mundo de significados que vão além da narrativa literal, ampliando sua capacidade de interpretação, de reflexão e de construção de sentidos. A dimensão simbólica presente nos contos permite que a criança lide com conteúdos difíceis de forma segura e mediada. Uma bruxa má pode simbolizar figuras de autoridade vivenciadas como ameaçadoras; o herói frágil que supera obstáculos representa a esperança de vencer medos internos. Segundo a psicanalista Clarissa Pinkola Estés (1994), "os contos de fadas são um mapa da psique. Eles contêm as instruções para a travessia de crises internas".Além disso, é importante destacar o papel dos rituais simbólicos que os contos promovem: quase sempre há um caminho, uma jornada, uma separação, um desafio e uma transformação. Trata-se de estruturas míticas que aparecem em diversas culturas e que ajudam a criança a simbolizar sua própria jornada de crescimento e diferenciação. Essas estruturas são denominadas por Joseph Campbell (1990) como "a jornada do herói" — um ciclo de aventuras internas que podem ser identificadas desde "Branca de Neve" até "Rei Leão", com o mesmo núcleo simbólico. Ao permitir que a criança reviva essas jornadas na imaginação, o conto funciona como um ensaio emocional da vida. Como afirma Abramovich (1997), "quem conta um conto oferece um mundo, quem escuta, recria esse mundo com as cores da sua imaginação".O educador que compreende o potencial pedagógico dos contos pode utilizá-los para trabalhar temas transversais como diversidade, ética, meio ambiente e cidadania, adaptando a linguagem e o conteúdo à realidade das crianças. Além disso, é possível explorar aspectos da oralidade, da escuta atenta, da leitura e da escrita emergente, valorizando os contos como instrumentos de letramento literário.

Importante lembrar que o processo de narração deve ser planejado: a escolha do conto, o momento da leitura, a mediação feita pelo

educador e o espaço de escuta são determinantes para que a experiência seja significativa. É preciso sensibilidade para selecionar histórias que dialoguem com a faixa etária e com o contexto sociocultural do grupo.

3.2. O TRABALHO COM O SIMBÓLICO E O INCONSCIENTE

Os contos de fadas, por lidarem com arquétipos e metáforas, falam diretamente ao inconsciente infantil. Elementos como o lobo, a bruxa, o herói, o castelo, a floresta, entre outros, representam emoções e conflitos internos que a criança ainda não sabe nomear, mas sente intensamente. De acordo com Jung (1991), os contos de fada ativam símbolos universais que ajudam o sujeito a integrar conteúdos inconscientes, favorecendo o amadurecimento psíquico. Isso é especialmente importante na infância, momento de intensas transformações emocionais e descobertas.

Quando a criança escuta a história da Cinderela, por exemplo, ela pode estar elaborando sentimentos de rejeição ou injustiça; ao ouvir João e Maria, pode estar simbolizando o medo do abandono; na Bela Adormecida, o medo do crescimento. Portanto, o conto se torna um espelho simbólico onde a criança projeta seus afetos e, ao mesmo tempo, encontra formas saudáveis de lidar com eles.

3.3. CONTOS E VALORES SOCIAIS

Além de sua função emocional e simbólica, os contos de fadas também transmitem valores sociais e éticos, muitas vezes por meio de metáforas ou situações fictícias. A coragem, a bondade, a perseverança, o respeito às diferenças e o valor da verdade são exemplos de temas recorrentes nessas narrativas. Embora algumas versões tradicionais tragam estereótipos de gênero, beleza ou punição, cabe ao educador reinterpretar e discutir esses elementos com as crianças, contextualizando-os à luz da realidade contemporânea. Trabalhar com contos permite também discutir preconceitos, ampliar visões de mundo e desenvolver o senso crítico, conforme defendem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010).

A mediação do professor é fundamental para garantir que os valores apresentados nas histórias sejam compreendidos pelas crianças de forma reflexiva e não impositiva. Isso permite que a escola seja um espaço de formação integral, onde o imaginário contribui para a construção da ética.

4. EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

4.1. LEITURA COMPARTILHADA

A leitura de contos de fada na Educação Infantil deve ser feita com intencionalidade pedagógica e sensibilidade afetiva. O momento da leitura compartilhada, quando bem conduzido, favorece vínculos, atenção conjunta, escuta ativa e ampliação do vocabulário. Ao contar um conto de forma envolvente, com entonação, gestos e pausas, o educador transforma a leitura em uma experiência afetiva e estética. A leitura na Educação Infantil deve ser diária e significativa. Quanto mais expostas à linguagem literária desde cedo, mais as crianças desenvolvem sensibilidade textual, vocabulário rico, estrutura narrativa e prazer pela leitura. Segundo Rojo (2009), a leitura literária promove experiências estéticas e emancipatórias, pois permite à criança imaginar mundos possíveis e dialogar com outras culturas e realidades.

É importante ressaltar que o momento da leitura não deve ser apenas instrucional ou didático, mas sobretudo afetivo e poético. O ambiente precisa ser convidativo, com cantinho da leitura, almofadas, livros acessíveis e o educador como um mediador atento. O silêncio, o encantamento, os olhos brilhando durante a contação são sinais de que ali, naquele instante, algo está sendo construído profundamente.Além disso, quando o educador permite que a criança fale sobre o que sentiu, o que imaginou, o que entendeu ou não entendeu do conto, ele está valorizando a escuta ativa e o diálogo pedagógico. Essas trocas verbais desenvolvem a linguagem oral e a capacidade de argumentar, além de fortalecer os vínculos entre educador e criança. De acordo com Cademartori (2004), o ato de contar histórias é uma arte que exige domínio da linguagem oral e da narrativa, e que se torna ainda mais potente quando feita com empatia e conexão emocional com o grupo. A escuta compartilhada também fortalece os laços entre as crianças e ajuda a

desenvolver habilidades socioemocionais, como empatia, cooperação e respeito.
A leitura pode ser feita com livros ilustrados, teatro de fantoches, varal de histórias, projeção de imagens ou mesmo com objetos simbólicos que remetam aos personagens. A diversidade de linguagens fortalece o vínculo da criança com a narrativa e amplia sua capacidade de representação.

4.2. RECONTOS, DRAMATIZAÇÕES E ARTES
Após a escuta de um conto, é fundamental propor atividades de reinterpretação da história, por meio do reconto oral ou escrito, dramatizações, desenhos, pinturas e outras formas de expressão artística. Essas atividades permitem que a criança se aproprie do enredo, reconstrua a narrativa com sua linguagem própria e expresse seus sentimentos e compreensões. O reconto pode ser espontâneo ou orientado, individual ou em grupo. Já as dramatizações possibilitam que a criança vivencie os personagens, explore o faz de conta e desenvolva a expressividade corporal. Trabalhar com máscaras, figurinos, cenários e sons estimula a criatividade e favorece a aprendizagem por múltiplas linguagens.Segundo Barbosa (2008), a arte na infância é uma linguagem essencial para a construção de sentido e identidade. Ao associar contos de fadas com atividades artísticas, o educador promove experiências integradas, sensíveis e significativas para a criança. A dimensão artística que emerge dos contos de fada é inegável. As crianças, ao desenharem cenas do conto, ao criarem bonecos dos personagens, ao montarem cenários com massinha, papel, tinta ou sucata, estão exercendo múltiplas formas de expressão e reelaboração simbólica. De acordo com Malaguzzi (1999), fundador da abordagem Reggio Emilia, "a criança possui cem linguagens" — e os contos de fadas ativam muitas delas: a linguagem do corpo, da voz, do gesto, da música, do silêncio, da imagem. Trabalhar os contos com liberdade criativa é permitir que a criança se expresse de modo autoral, autêntico e significativo.
As dramatizações, além disso, são ótimas oportunidades para desenvolver a empatia. Ao assumir o papel da bruxa, da fada, do herói ou do animal falante, a criança experimenta outros pontos de vista e vivência sentimentos diversos, fortalecendo seu repertório emocional.

4.3. SELEÇÃO DE CONTOS APROPRIADOS
Nem todo conto de fadas é adequado para todas as faixas etárias. A escolha da história deve considerar o nível de compreensão simbólica da criança, a complexidade do enredo, o tipo de conflito apresentado e os elementos emocionais envolvidos. Contos como "Os Três Porquinhos", "Chapeuzinho Vermelho", "João e o Pé de Feijão" ou "A Galinha dos Ovos de Ouro" são mais apropriados para crianças pequenas, pois apresentam estruturas simples, repetições e enredos diretos. Já histórias como "A Bela e a Fera", "Cinderela" ou "Rapunzel" podem ser exploradas com crianças maiores, que já conseguem compreender camadas mais profundas de significado.
Além disso, é importante refletir sobre versões atualizadas dos contos, que tragam visões mais inclusivas e respeitosas, valorizando a diversidade e evitando reforçar estereótipos. A mediação crítica e respeitosa é sempre o melhor caminho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar um olhar ampliado sobre a presença e a potência dos contos de fada na Educação Infantil, considerando sua relevância histórica, simbólica, psicológica e pedagógica. Longe de serem apenas histórias fantasiosas ou meras distrações, os contos de fada revelam-se como instrumentos valiosos no desenvolvimento da criança em múltiplas dimensões: cognitiva, emocional, social e moral. Através da escuta e da mediação cuidadosa dos educadores, os contos favorecem o contato com a linguagem literária e a formação do imaginário, ajudando a criança a nomear o mundo, elaborar conflitos internos e construir sentido sobre si mesma e sobre a realidade que a cerca. Como defende Bettelheim (1980), essas narrativas permitem que a criança organize suas emoções, reconheça medos e desejos, e encontre, simbolicamente, caminhos para lidar com a complexidade da vida. Os contos de fada, ao incorporarem

arquétipos, metáforas e representações do inconsciente, também dialogam com teorias psicológicas do desenvolvimento humano, como as propostas por Piaget, que destaca o papel do pensamento mágico e simbólico na infância, e por Vigotski, que valoriza a imaginação como mediadora do processo de aprendizagem. No campo pedagógico, os contos funcionam como recursos integradores, que possibilitam trabalhar diferentes áreas do conhecimento por meio da ludicidade, da arte, da linguagem oral e escrita, da escuta ativa e da dramatização. As atividades com contos potencializam a participação das crianças, fortalecem vínculos afetivos com o professor e com os colegas e criam espaços de escuta, expressão e pertencimento.

Além disso, ao promoverem reflexões sobre temas como justiça, superação, coragem, inveja, perdas e relações familiares, os contos abrem caminhos para o desenvolvimento de valores éticos e para a construção da cidadania. É necessário, no entanto, que o educador esteja atento às versões escolhidas, aos simbolismos presentes e aos contextos socioculturais da turma, mediando com consciência crítica e sensibilidade. Portanto, valorizar os contos de fada na Educação Infantil é reconhecer o direito da criança à fantasia, à imaginação e à escuta de narrativas que alimentem sua subjetividade e seu processo de humanização. Mais do que nunca, em tempos em que a infância se vê ameaçada por tecnologias excessivas e estímulos superficiais, faz-se urgente resgatar o poder simbólico da palavra contada, criando espaços onde a criança possa sonhar, criar, reelaborar e se transformar. Como conclui Abramovich (1997, p. 15):"Contar histórias às crianças é mais do que entreter: é oferecer alimento à alma, é construir caminhos para o pensamento, é cultivar a esperança."

É possível afirmar que os contos de fadas não apenas encantam, mas educam, formam, estruturam e transformam. Sua riqueza simbólica, sua linguagem poética e sua universalidade emocional os tornam instrumentos essenciais na formação integral das crianças, sobretudo nos primeiros anos de vida. Inseri-los no cotidiano da Educação Infantil é respeitar a natureza imaginativa da infância, valorizar a escuta e garantir experiências culturais que alimentem a alma e a mente das crianças. Em tempos de pressa, consumo e tecnologias excessivas, contar histórias é um ato de resistência, de cuidado e de presença. O educador que narra um conto planta sementes invisíveis na subjetividade de cada criança. Cabe a nós, adultos, preservar esse território mágico, garantir o direito à escuta, ao sonho e à fantasia, e permitir que cada criança escreva, a seu tempo, o próprio conto de fadas.

Ao levar os contos de fada para a sala de aula com intencionalidade, afeto e escuta ativa, o educador assume o papel de mediador entre a criança e a cultura, entre o real e o simbólico, entre o hoje e o imaginário possível.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura: prazer e conhecimento. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CADEMARTORI, Lígia. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2004.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo: Summus, 1975.

VIGOTSKI, Lev S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: do ensino à pesquisa. São Paulo: Global, 2003